

# POR UMA GRAMÁTICA DO HUMANO NA VIDA CONSAGRADA

P. Carlos del Valle, SVD

*Padre Carlos del Valle é um Missionário do Verbo Divino. É doutor em Teologia Moral e de 1983 a 2013 trabalhou no Chile e foi Diretor da Revista Testimonio. Em Junho de 2013, foi nomeado Reitor do Colégio San Pietro, em Roma.*



## 1. Aprender a viver

Ao longo dos anos, o vinho tornou-se azedo. O vinho azedo produz caras azedas, atitudes intolerantes, professores em vez de discípulos, senhores em vez de pastores, príncipes em vez de servos, juízes em vez de fascinados, estrutura hierárquica em vez do povo de Deus. É por isso que o salão de banquetes foi esvaziado de comensais, que apenas desejam viver felizes e desfrutar da vida que Deus lhes dá.

Há muitos juízes e faltam amigos da alma. Há muitos professores e flatam discípulos. Há muitos Religiosos que no coração têm ideias, instituições, medos, não pessoas. Religiosos que estão centrados no papel, não na missão, que transformam a tarefa num escritório, tornando-se funcionários do sagrado, e até pragmáticos, situados na vida de acordo com o sol que mais aquece. Pessoas sentadas na cadeira de Moisés, enferrujadas pelo sistema que já não responde aos pedidos humanizadores de mudança. Há comunidades onde a consagração é vivida como estatuto, como separação da vida em geral, dos leigos e dos pobres em particular. A vida religiosa é vista como cansada, despreocupada em ser vida, por muito religiosa que pareça ser. Deslocada face às profundas transformações da história. Tocada pela lepra da desumanização, precisa sentir a mão do Curador da ternura.

Não há sombra sem luz, não há luz que não produza sombra. O testemunho de muitos está perdido devido à incoerência de alguns. Hoje não há tempo para o desnecessário. “Não é tempo de tratar de assuntos de pouca importancia com Deus”, diz Teresa de

Ávila. O que é fundamental é a relação entre a Igreja e o Evangelho. O Evangelho não é teoria, doutrina, religião; é um modo de vida. É a razão de ser da consagração, homens e mulheres de fé, orientados para o Mistério, chamados a transformar a vida de acordo com o coração de Deus, estando de todo o coração em tudo e em todas as coisas.

Na juventude aprendemos e na velhice compreendemos. Envelhecer é como escalar uma montanha: à medida que se sobe, as forças diminuem, mas a visão é mais ampla e mais serena. As pessoas estão interessadas em aprender a viver. Também as pessoas religiosas. Não nos concentramos em aprofundar o que é a Vida Consagrada. Estamos interessados em aprender como ser uma pessoa consagrada aqui e agora. A desvalorização da nossa vida não está nos grandes princípios, mas na encarnação destes princípios. Estamos interessados em conhecer não só os ideais que inspiram, mas também o nível de encarnação destes ideais na nossa vida.

Conhecer uma flor, uma ferida, uma pessoa pobre, Deus... de joelhos, olhando de perto. O que é útil para viver é pouco: sabedoria evangélica. Não é fácil compreender a vida, as pessoas, o poder, as aspirações, a dor e os valores. Não precisamos de mais ideias, teorias, coisas novas. Se nestas páginas o leitor encontrar algo novo, espero que seja apenas energia em palavras, com vitalidade e o selo da vida real. Palavras que ajudam a orientar a nossa vida por experiências humanas e fé em Jesus Cristo, sendo pessoas com identidade bem definida e motivação bem alimentada. Precisamos de professores de vida humana, com linguagem simples, o que torna tudo transparente. O que é simples penetra mais fundo do que o que é complicado. Na reflexão sobre a Vida Consagrada sentimos falta de palavras capazes de unir a autenticidade daqueles que as pronunciam com as necessidades profundas daqueles que as recebem. Palavras frutuosas que, brotando do coração, se tornam energia que abre corações e os orienta para horizontes mais amplos. Palavras que abrem os poros da pele, janelas da alma. Tocar os corações é a melhor forma de mudar as mentes.

Na Vida Consagrada há boas pessoas que fazem o bem. Vidas simples que moldam outros corações para o humano. Estar com elas faz-nos sentir que a nossa vida pode ser melhor. Nestas pessoas vemos como Jesus aparece por outras palavras que refletem a deles, noutras vidas que tocam a nossa, noutros abraços que nos elevam. Experiência com o Verbo encarnado, que sempre humaniza. Estas pessoas, com o seu estilo de vida, situam-nos no que é a Vida Consagrada. Onde há vida vivida a partir do dom de si, aparece a encarnação do Verbo.

A fraqueza não é assustadora; a mediocridade sim. Essa espiritualidade leve que alimenta uma fé no bem-estar e conforto. Um conformismo corrosivo que obscurece o olhar e entorpece o coração face à realidade humana. A superficialidade é a grande doença dos religiosos. Aqueles que carecem de valores sólidos acabam em hedonismo. Na Vida Consagrada não é uma questão de fazer algo de bom, mas de alcançar o melhor. Estamos ameaçados pela tragédia de não quisermos encontrar o melhor para ultrapassar as crises. Certamente que os melhores ainda se encontram na brecha. Não há um bom médico, um bom professor, um bom pedreiro que esteja em crise no seu sector. O Papa Francisco provoca para dar forma e visibilidade a uma Vida Consagrada que sai, a uma espiritualidade de encontro, a uma diakonia de misericórdia e ternura. Uma chamada para encontrar na religião uma resposta orgânica, não apenas emocional, passageira e estéril. Podemos acolher as palavras do Papa como exortações piedosas, não como um fermento de mudança na vida e na missão.

## 2. Dedicados a vender superficialidades?

Um pássaro ferido não pode voar, e um pássaro que está preso a um galho de árvore também não pode. Os ramos de apego são nossas superficialidades que nos enchem de arbítrio e nos privam da preocupação com o que é verdadeiramente importante. Com o risco de que o sentido da vida seja sacrificado em esmolas que apaziguem as consciências. Mesmo entre os consagrados, há uma abundância de práticas de oração que se tornaram um espaço para o que é útil, e não simplesmente um lugar de amizade. As orações viviam na impaciência de merecer a Deus, não na paciência de acolhê-Lo. Os ramos não dirigem sua atenção para os frutos, mas para a união com a videira. Não são eles que produzem frutos, mas a videira os produz através dos ramos. Um sentido vital mais orientado para a união com a videira do que para o amadurecimento dos frutos. É a videira que faz a fruta amadurecer. Os brotos da videira, são o veículo que permite que a força da videira flua.

Todos os dias escolhemos entre viver ou sobreviver, autonomia ou dependência, realização ou mediocridade. A santidade é uma paixão. Algo que nos dá força no início do dia e motivação quando a estrada se amplia. A paixão é o combustível que move o potencial que temos; é o fogo que arde em nós. Será um projeto, um nome no coração, uma ferida de outros que assumimos como nossa, desejos de futuro, trabalho vivido como uma vocação, uma vida digna para os pobres.

Há religiosos que dão espaço em suas vidas para Deus, e quanto maior o espaço, melhor. Envolve esforços para dar-se espaço e tempo da vida social, das relações humanas, da preocupação em aliviar as necessidades, a fim de dedicá-lo a Deus, recolhido no espaço sagrado. Procura-se tempo de oração para encontrar Deus, em vez de tempo de oração para saborear e celebrar o encontro com Deus na missão humanitária. Como se Deus não se desse bem com o humano. Um estilo de vida distante da encarnação, do Deus que se faz humano. Deus vive onde nós deixamos que Ele entre. Somos chamados a experimentar Deus, que passa por nossa agenda diária. Chegamos a Deus através do humano. Nós nos relacionamos com Ele quando encontramos pessoas e seus problemas: *“O que você fez a um destes meus irmãos menores, foi a mim que o fez”*. A santidade não é o sublime, mas o profundamente humano. Se Deus se torna humano para salvar este mundo, existe outro caminho para nós nos salvarmos? A primeira coisa não é a oração, mas a vida: a alegria, a celebração da amizade, a dor, a fome de pão e de sentido. Daí nasce a súplica, a admiração, o louvor.

O destino dos lírios do campo é transformar a terra em beleza. O destino de um ser humano é tornar-se mais humano, crescer em sensibilidade e ternura. Isso desperta o melhor do ser humano. Tornamo-nos mais humanos, nutrindo o que há de divino em nós. Aí encontramos a mais autêntica afirmação de nós mesmos. Não podemos nos separar do amor, nem Deus pode. Amar e receber amor humaniza a vida. Somos humanos quando sentimos nossos corações transbordando em ternura. Ser humano é aceitar e celebrar a humanidade dos outros.

Consagrado, em busca de Deus. Por quais caminhos? Destinado a reproduzir a imagem de seu Filho (Rm 8,29). Tornamo-nos mais divinos ao nos tornarmos mais humanos. Existem pessoas profundamente religiosas e profundamente desumanas. O importante não é ser um bom religioso, mas uma boa pessoa. Uma boa pessoa, não porque tudo em sua vida vai bem, mas porque ele pode lidar com tudo e com todas as coisas bem. É mais fácil ser um herói do que uma boa pessoa. Você é um herói uma vez, no

extraordinário; uma pessoa boa será sempre boa no cotidiano. Vivemos cercados pelo comum, pelo normal, não pelo heróico. Uma pessoa consagrada faz coisas comuns de uma maneira extraordinária. Esta é a diferença entre as pessoas grandes e as pessoas medíocres. Regressamos à vida cotidiana, refugiando-nos na normalidade de nossas modestas experiências pessoais.

Você vale seu pelo conhecimento, sua habilidade, sua experiência, seu modo de ser. A diferença entre o grande e o medíocre está no maneira de ser. Gostamos de uma pessoa pela maneira como ela é, gentil, humilde, sensível, se preocupa comigo, se interessa por mim, me acolhe, me ajuda... por ser uma pessoa boa. Eu amo uma pessoa boa. Eu admiro alguém que sabe muito ou tem muita experiência. Quando ficamos desanimados, perdemos o melhor que temos: nossa maneira de ser, nosso espírito. Passamos de brilhantes a medíocres. Quando perdemos o ânimo, colocamos menos amor no que



vivemos, menos entusiasmo, menos interesse, menos desejo. Tornamo-nos medíocres. Perdemos a vida de Deus, a presença do Espírito em nós. A vida é um estado de espírito. É nossa tarefa ajudar os outros a não perder a coragem. Assumamos a responsabilidade pelo nosso estado de espírito. A diferença entre uma pessoa positiva e uma negativa é seu estado de espírito. Pense em cada dia, se você consegue se levantar com objetivos e ir para a cama com esperança.

O Papa Francisco desafia ao colocar o centro da religião no humano, não no sagrado, porque o humano é a encarnação do sagrado. O centro é a bondade, o sofrimento dos fracos. O Papa segue Jesus, que vive outra religião, outro tipo de coexistência, o Reinado de Deus. Jesus coloca o centro do religioso na vida, nas relações humanas, na bondade, na misericórdia (bem-aventuranças). Para isso, ele precisa de uma profunda experiência de Deus na força da oração.

Falar do Reino é falar de uma sociedade humanizada. Onde há humanidade plena (bondade), há beleza, alegria, felicidade. Talvez quando falamos do Reino pensemos num bom projeto de atividade pastoral, sem nos preocuparmos em humanizar as pessoas, as estruturas, as instituições. Jesus gostava de levantar cedo e ficar sozinho com o Pai; preferia comer em companhia; seu coração saía para os perdidos; era impaciente com os fariseus e sua rigidez; preocupava-se com as pessoas (D. Aleixandre). Ele é a imagem do ser humano sonhado pelo coração de Deus.

Para ser credível, a palavra de Deus precisa de corpos, testemunhas, mártires, um lugar de encarnação. É preciso que nossas comunidades respirem o Evangelho vivido na oração e no encontro fraterno. A oração é encontro, com Deus, consigo mesmo, com a vida. Da oração extraímos um espírito profético, a alma da missão. Não podemos viver apenas de ações e resultados. Nós nos tornaríamos possessivos e menos capazes de receber e

**Os gestos autenticamente religiosos não são os de adoração, mas os de cuidado. Isto é demonstrado pela vida consagrada inserida em espaços humanos: hospitais, escolas, orfanatos, lugares de acolhida, inserção entre os pobres.**

compartilhar. Seríamos como bombeiros que vão ansiosos para apagar um incêndio e, quando chegam, percebem que seus tanques estão vazios.

Para colocar em sintonia o que pensamos, sentimos e fazemos precisamos de uma oração reflexiva. Uma forma de estar presente aqui e agora, atento, concentrado. O tempo de oração é tempo concentrado, para vivê-lo intensamente, de todo o coração. Nossa vida sem tempo concentrado é uma vida sem sentido. Podemos descobrir o significado do que fazemos quando é vivido em profundidade. A consciência de cada momento nos conecta com a realidade, nos faz viver o presente com presença. Entrar em seu eu interior implica crescer em humanidade, em sensibilidade a valores profundos. A oração é um trampolim para o profundamente humano. Para não cair em superficialidades, não nos contentamos em abrir portas e ir para fora; também abrimos janelas e deixamos o ar de Deus entrar de fora para dentro de nossas casas e de nós mesmos.

Caímos em superficialidades quando a vida de oração é reduzida a orações vocais, o que nos transforma em homens/mulheres que rezam, ao invés de pessoas orantes. Alimentar práticas de piedade é dedicar-se a regar flores de plástico no jardim de sua própria existência. Não confundir fé com piedade, sentimento religioso, perfeição moral. Não se trata de ser mais piedoso, mais fervoroso, mais perfeito, mas de acreditar mais. Encontrar na fé a fonte do sentido, o fundamento da vida e da missão. Ser homem ou mulher de Deus, não apenas porque reza, mas porque pensa, fala e age a partir do coração de Deus.

Se as práticas de piedade não vêm de uma oração pessoal profunda, elas podem permanecer um corpo sem alma. Daí um vazio afetivo que deve ser preenchido com outros amores de pessoas ou coisas. Um vazio afetivo que nos leva a precisar de outros para nos valorizar, para aprovar o que fazemos, para ouvir nossas reclamações, para nos lembrar o quanto valem e o quanto somos grandes. Na reflexão orante Jesus testa nossos desejos, nossos sentimentos e afetos, até chegarmos a sentir e desejar de acordo com os desejos de seu coração. *“Tenha os mesmos sentimentos de Jesus”* (Fil 2,5), sua sensibilidade e desejo de estar em sintonia com o Pai. Quanto mais nos sintonizamos com Deus, mais nosso coração se amplia para abraçar tudo o que é humano.

Rezar não é buscar um estado de espírito; é um ato de fé. Rezamos não apenas para pensar em Deus, ou sentir Deus (emoções), mas para querer Deus, o Deus humano mostrado por Jesus. Para nutrir o espírito precisamos de vitaminas, não apenas de condimentos para satisfazer o paladar. A oração é o Tabor na vida, a montanha de nossa transfiguração. Viver é mudar. A santidade é o resultado de muitas transformações. Contemplar a Palavra muda pensamentos, atitudes, motivações, emoções, em sentimentos de Jesus, desejos de Deus. A oração muda o coração. O hábito da oração leva a viver não de e para nós mesmos, mas de Deus e de nossos irmãos e irmãs, com eles e para eles. Sintoniza-se com o olhar de Deus: *“E Deus viu que todas as coisas eram boas”*. Olhar e ver os outros como bons é ser puro de coração.

Quando Teresa de Calcutá via uma pessoa pobre, ela sentia um impulso de bondade que a levava a ajudá-lo. O resultado de um hábito, que se torna um modo de vida. Motivada pela oração, o que a levava a ver Jesus nos pobres. Se não vivermos com os pobres, é difícil mudar. Madre Teresa teve que deixar para trás a segurança do convento. Somos mulheres ou homens de Deus não só porque rezamos, mas porque pensamos, falamos, agimos a partir da humanidade de Deus. Entraremos, desta forma, em sintonia com o Reino. No Evangelho, vemos que para onde Jesus foi, o Reino veio. É nossa tarefa: multiplicar as experiências humanas que encarnam a vinda do Reino nos lugares onde fomos enviados, onde chegamos.

### **3. O batimento do coração de Deus no coração do mundo**

Encontrar o tesouro, todavia, não é possuí-lo. Se o descobrimos, não caímos na ingenuidade de acreditar que o possuímos. Nosso tesouro é estar em sintonia com o coração de Deus enquanto o descobrimos no coração do mundo. Os tesouros que valem a pena ter são muitas vezes escondidos no coração dos outros. Vamos para o mundo com os olhos abertos. Em cada ser ou evento humano podemos descobrir sementes de vida humanizada, e repetir com Jacó: *“O Senhor estava lá, e eu não o sabia”* (Gn 28,16). Não vivemos por grandes ideias, mas de experiências concretas.

Não é que o mundo nos mostre Deus; é a sensibilidade de nossa fé que descobre Deus no mundo. Olhando a vida, os acontecimentos, as pessoas com olhos que creem nos leva a desenterrar o Evangelho oculto. Não nos preocupemos tanto em evangelizar, mas em captar o que é humano, o que é evangélico, e desvendá-lo. Mesmo o mais pobre - especialmente os pobres - têm seu tesouro escondido. Nossa missão é preencher a sociedade com o Evangelho, revelando-o onde ele está escondido. As parábolas do Evangelho não apenas comunicam coisas misteriosas em linguagem simples; elas também nos levam a reconhecer em coisas simples o mistério, a profundidade que é revelada. As parábolas são a atenção ao cotidiano; elas sublinham a normalidade da presença do Pai. Se estivéssemos atentos às coisas cotidianas, seríamos tocados pela presença cotidiana de Deus.

Sentir a própria fragilidade é um caminho seguro para a santificação e o crescimento humano. Uma ostra sem feridas não produz pérolas. A dor nos conecta com a vida; ela também pode nos tornar o centro de nosso pequeno mundo. A doença é uma escola de humanização. Aprendemos a ser mais tolerantes, mais compreensivos, mais compassivos. Quando paramos para olhar para uma pessoa que sofre, sentimos admiração; nossa sensibilidade é despertada; nossa paixão pela vida é acesa. Essa paixão desperta nossa capacidade de amar... de olhar, admirar, de nos sensibilizar, de sentir compaixão pela vida, de amar. Deus não nos traz verdades, mas a paixão pelo ser humano. Se eu passar uma hora diante da ferida de outra pessoa, posso conhecer melhor o coração de Deus do que quando leio livros e descubro o significado das palavras. Com a experiência o viver se traduz em vida.

A realidade em primeiro lugar não é para ser transformada, mas para ser reconhecida, para ser desfrutada, para ser agradecida. Agora vivo com 180 jovens padres, num ambiente de estudo. Para mim, esta casa não é apenas um lugar de trabalho e formação, mas também um lugar de sensibilidade, emoção e desejo, de experiências de alegria, afeto e fé. Um olhar de fé leva a encontros com pessoas, eventos, rotinas... uma vida cheia de encanto. Somos convidados a descobrir e saborear o encanto nos pequenos detalhes da vida cotidiana. Tudo o que é humano carrega dentro de si aquele fermento da humanidade que fermenta tudo o que existe.

Aqueles que, como José, sabem sonhar, ouvir, proteger e cuidar, fecundam o mundo. Aqueles que são capazes de olhar para o passado apenas para perdoar ou agradecer; de olhar para o presente, com alegria e entusiasmo, e para o futuro, com esperança e otimismo. Pessoas que escolheram viver a partir do essencial: fé que confia, amor que acolhe, esperança que constrói. Seres humanos que carregam a vida dos outros, a dor e as feridas dos outros, que amam sem contar sua fadiga e seus medos. Seres humanos que vivem com seus corações na terra e seus sonhos no céu. Nossa vida é mais ou menos valiosa, na medida em que damos aos outros o que eles não têm. Nós somos humanos quando nos preocupamos com vidas. Se não vemos a pessoa, suas necessidades e lágrimas, é por causa da doença de *Sklerokardia*, da dureza de coração, a pior doença para Jesus. Produz funcionários, burocratas de regras, analfabetos do coração.

O cuidado é uma preocupação ativa, um modo prático do amor cristão. Uma mãe constrói o Reino de Deus quando se preocupa consigo mesma, com os outros, com o mundo. Os gestos autenticamente religiosos não são os de adoração, mas os de cuidado. Isto é demonstrado pela VIDA CONSAGRADA inserida em espaços humanos: hospitais, escolas, orfanatos, lugares de acolhida, inserção entre os pobres. Na parábola do samaritano,

o amor como cuidado está ligado ao ser enviado em missão: *“Vá e faça o mesmo”*. Esta parábola nos convida a nos relacionarmos com outras realidades; a reconhecer o cuidado como uma semente no coração, a inclusão e a gratuidade do amor que cuida.

Jesus mostra o modo de viver mais humano. Nele Deus aponta um modo de ser humano. Para Jesus, feliz é o pobre não o rico, o doador não aquele que acumula, o perseguido não o perseguidor, o pacífico não o mais forte. Ele nos convida a descobrir num pouco de pão e vinho, abençoado e compartilhado, o sinal do que a vida deve ser: o evangelho, que é contagioso com a doação e o serviço. A religião é a realização da outra vida; o Evangelho é a humanização desta vida. *Eu vim para que eles possam ter vida*. Jesus nos apresenta três preocupações: saúde, alimentação compartilhada e relações humanas que nos fazem bem.



Deus encarnado, Deus humanizado. Nosso Deus é Jesus, um homem pobre e fraco, que conhece o medo, a tentação, a dor, a rejeição, a alegria, a amizade. É difícil reconhecer o Filho de Deus num pobre ser humano. Se dizemos que Deus é humanizado, estamos dizendo que encontramos Deus no humano. A fé não é possível se ela não produz humanidade. Nossa vida seria sem sentido de qualquer outra forma.

Ser consumidores de espiritualidade, espectadores da vida, nos leva a viver uma história embalada pelo vazio, fora da história de outras pessoas. Pelo contrário, estar consciente de tudo o que acontece nos conecta com a profundidade da vida cotidiana. Pedimos grandes sinais a um Deus ilusório, e não vemos os pobres sinais que nos são oferecidos pelo Deus real, que é sempre o fermento da humanização.

#### 4. Os simples contagiam a humanidade

A experiência do encontro humaniza. É uma lâmpada que sempre brilha quando tudo se apaga. Nós somos a imagem do Deus dos encontros. Nas refeições, Jesus denuncia o classismo que sempre separa e marginaliza, sem permitir o encontro. O Evangelho nos lembra que Jesus se colocou “no meio deles”. Não no alto, como superior. Não de lado, como se estivesse julgando-os. No meio, no mesmo nível, em fraternidade, em paridade de relacionamento. Acreditar estar perto de Deus e olhar para os outros de cima para baixo é negar que Cristo se encarnou. Cristo não é o que eu digo dele, mas o que eu vivo dele.

“E o Verbo se fez carne”... prova que detecta índices de espiritualismo que carregamos em nosso sangue. Na vida há três verbos amaldiçoados: *subir, ter, comandar*. Jesus contrapõe com três abençoados: *descer, dar, servir*. Ele liga serviço e poder. Há um contraste entre

**A experiência do encontro humaniza. É uma lâmpada que sempre brilha quando tudo se apaga. Nós somos a imagem do Deus dos encontros.**

Deus Todo-Poderoso e Jesus ao lavar os pés dos discípulos. O Mestre elimina o contraste: o poder é exercido no amor que serve. Prostrado, com a toalha ele diz: “*Façam o mesmo que eu lhes fiz*”. Somos seguidores de Jesus, ou parecemos ser seus seguidores?

Jesus continua a seduzir hoje porque ele rejeita a lógica do poder. As hierarquias se contagiam facilmente com um espírito mundano, passando do serviço de irmão para irmão para o poder de um sobre o outro. A preocupação com o prestígio substitui o serviço. Revestidos de uma auréola divina, evitam assim que o poder seja questionado e podem continuar a desfrutar do cheiro do privilégio. O próprio material do clericalismo, com um espírito mundano. O Evangelho nos lembra: “*Estar no mundo sem ser do mundo*”. Passar de uma autoridade que se reforça servindo as pessoas, para uma autoridade de serviço às pessoas. Implica a passagem de ter, para dar poder, sem disfarçar defeitos na linguagem das virtudes. O mensageiro tem autoridade quando ele se identifica com a mensagem.

Não é necessário ser um clérigo para ser clerical, com uma atitude segregada, acima dos outros. O clericalismo vive nesta aristocracia. Leva a um estilo de vida aristocrático: estar acima do povo de Deus. O povo nos coloca em nossa verdadeira identidade como seres humanos e cristãos. Pois o núcleo de nossa identidade está no que nos aproxima dos outros, no que é humano, cristão, não no que nos diferencia deles. O povo de Deus nos situa na Igreja. O religioso clerical não está inserido. Jesus se esvaziou, se rebaixou, para se inserir no povo. O clericalismo endossa uma elite que não se reconhece no povo. Daí o manuseio perverso do poder.

Para Jesus, servir é a única maneira de nos relacionarmos uns com os outros em igualdade e respeito. *“E todos vós sois irmãos”* (Mt 23,8). Descer do pedestal para se tornar um povo. Seguir Jesus é mudar a pirâmide para o círculo. Consagrados, especialistas em comunhão. Nós nos reunimos para fazer fraternidade; não somos um grupo piedoso ou um grupo de ação apostólica. Nossa vida tem sentido na medida em que somos seres de comunhão, de encontro, de mãos juntas, de projetos compartilhados. A primeira coisa é ser irmãos. O dom que compartilhamos em comunidade e damos em missão. Tudo em nossa vida faz sentido desde a encarnação; a missão de e para a fraternidade. Fraternidade a serviço dos pobres. Há mais dignidade humana no amor e no serviço do que no poder e na distância. Se é difícil viver isto, é porque o coração ainda não está evangelizado.

A cena da unção em Betânia (Lc 7, 36-50): O centro deveria ser Simão, anfitrião, piedoso, com poder, mas é ocupada pela mulher. Jesus faz dos últimos os protagonistas (Entre as mulheres, Jesus não tinha inimigas). Simão pensa que é um credor diante de Deus, não um devedor. Ele não mostra gratidão. A mulher precisa ser acolhida por este homem de Deus. A alegria faz com que ela mostre ternura. O erro de Simão está em seu olhar de julgamento. Numa frase (v. 39) ele faz dois julgamentos: Jesus, falso profeta; a mulher, uma repudiada, nomeada por seu pecado. O fariseu olha para o pecado; um olhar de rejeição, violento. Jesus olha para a fraqueza, o sofrimento, as necessidades; um olhar acolhedor e amoroso. Para Simão, olhar e julgar é a mesma coisa. Para Jesus, olhar e amar são a mesma coisa. Ele está do lado da mulher que muito ama. O amor humaniza a pessoa.

Jesus está do lado dos últimos por amor à vida. Para Deus, vale o que é autêntico, colocando seu coração no que você faz, como a viúva que dá o que ela tem para viver. Um ato realizado de todo o coração aproxima Deus. Não é o dinheiro que decide o valor das coisas, mas a humanidade que se coloca nelas. O dinheiro, como as drogas, não traz felicidade, mas cria vício. O Evangelho não me leva apenas a me perguntar: O que faço com meu dinheiro? Mais que isso, questiona-me: O que meu dinheiro faz comigo? Torna-me mais humano?

Os pobres são protagonistas sem rosto em tragédias quase sempre evitáveis. E aqueles de nós que são consagrados tendem a ser espectadores e não atores. Se os ricos buscam mais riqueza, os pobres preferem um pouco de amor, uma casa, uma companhia, um estar mais próximo. A aproximação com os pobres permite-nos descobrir a humanidade de Deus. Eles são sua imagem. Antes de resolver os problemas, podemos desfrutar do Deus humanizado que caminha com eles. Para Jesus, revelar é desvendar a vida diária. Habitado a ver Deus na generosidade daqueles que dão, é difícil revelá-lo na dignidade daqueles que pedem. Entre os fracos, com o desejo de aprender com eles, descobrimos tesouros, maravilhas escondidas da humanidade.

Há aqueles que fazem coisas boas não por amor ao bem, mas porque são escravos de sua imagem e precisam se sentir superiores aos outros. Nossas críticas aos outros também encobrem o desejo de nos apresentarmos como superiores a eles. Não podemos nos sentir mais como salvadores do que servos. Passemos de uma Vida Consagrada revestida de poder e cheia de vaidade para uma vida de serviço e cheia de amor pelas vítimas da história. Posso dizer que fui à América Latina como professor e voltei como aluno, com a experiência de sentar aos pés do “mestre”, que são os simples. Sem simplicidade e humildade, perdemos o desejo de ir ao encontro dos pobres. Procuramos acconhego. Se ainda houver algum desejo de ir até eles, - por remorso pela incoerência da vida - será “de cima”, como aqueles que dão esmola, não da solidariedade daqueles que compartilham a vida e se permitem ser convertidos por eles. Desta forma, eles não nos reconhecerão como mensageiros do Reino.

A vida vale a pena quando é dada. Nosso objetivo é dar vida servindo. Quanto mais vazios estivermos de nós mesmos, mais a vida dos outros caberá em nós. Com e em nome do simples, nos tornamos mais humanos. Damos pão tornando-nos pão para os outros. Os Religiosos, servem e cuidam das pessoas. O cuidado é uma pérola que expressa a qualidade do amor encarnado. O Senhor chega e encontra os servos acordados, e Jesus diz: *“Em verdade vos digo que ele colocará seu avental e os fará sentar à mesa e os servirá”* (Lc. 12, 37). É difícil ver Jesus com uma toalha, podemos imaginá-lo de avental? Nele vemos a disponibilidade e o serviço cordialmente abraçados. Precisamos aprender a ser pessoas consagradas de avental, que não exigem, mas apoiam; que não reclamam, mas se importam; que não pedem direitos, mas respondem às necessidades. Podemos dizer algo quando vivemos servindo, porque só o amor tem algo a dizer. Os fariseus colocam o pecado no centro do relacionamento com Deus. O primeiro olhar de Jesus é dirigido não ao pecado, mas ao sofrimento e às necessidades da pessoa. No Evangelho, aparece “pobre, enfermo” em vez de “pecador”. Somos prisioneiros de limites em vez de culpados. Os arquivos de Deus estão cheios de lágrimas, não de pecados. O pecado perdoado deixa de existir. E diante de Deus existe o perdão, não a absolvição condicionada.

### **Para concluir**

Deus quer que seus filhos vivam com alegria. Nos enche de alegria viver à vontade onde estamos presente, no aqui e agora. A alegria é a grande marca dos cristãos. A força de uma vocação se traduz em alegria. Viver a própria vocação com alegria é a força do religioso (Papa Francisco). A alegria leva a um maior prazer de viver. Ela gera atitudes positivas em relação a si mesmo e aos outros. Ela nos ajuda a sair de nós mesmos, nos abre para o encontro. Isso nos move a colocar nossas energias e habilidades a serviço de nosso próprio projeto. Não nos permite cair no pessimismo quando falhamos ou no narcisismo quando somos bem sucedidos. Aqueles que vivem contentes irradiam coisas boas àqueles que o cercam. Se formos felizes, o Deus que transmitimos será bondoso.

Nós assumimos a missão de contagiar a humanidade nas pessoas, grupos, instituições, humanizando-nos a nós mesmos. Jesus ensina que Deus está no que é humano: comer juntos, viver como irmãos e irmãs, serviço nos relacionamentos, companheirismo e encorajamento nas dificuldades, misericórdia e perdão. Para crescer na humanidade, antes de nos preocuparmos com nossas fraquezas, nós nos concentramos em espalhar alegria. A melhor maneira de sair de nossos pecados é experimentar a alegria do encontro. Podemos viver do positivo ou do negativo. A parábola do joio oferece duas perspectivas: a dos empregados que veem o joio; a do mestre que percebe a árvore

frutífera. *Amoris Letitia* nos desafia ao mudar o princípio do “mal menor” para o “bem possível”. Este último tem o efeito de ser magnetizado pelo bem que atrai, não temendo o mal que paralisa.

Abençoar, falar bem, reconhecer o bem nos outros, e o frágil, sem transformá-lo em um insulto. Aquele que sabe abençoar olha com simpatia, e aquele que olha com simpatia, vive com alegria, sem lembrar o favor que se faz e sem esquecer o favor que se recebe. O importante é focar em ideais fortes e não em defeitos, cultivar forças de bondade, de cuidado, de acolhida, de justiça, e de paz... ecologia do coração. Ecologia significa proteger e ter um ambiente limpo, alegria de paz. A paz tem a ver com a eliminação do desnecessário. Se formos ricos em qualquer área, não há paz no coração. Há paz quando não se depende de nada nem de ninguém, somente de Deus. Não é que a paz venha depois da tempestade; na tempestade Deus é paz, ele acalma a tempestade. As bem-aventuranças são o caminho para a paz. A alegria da paz traz energias de bem-aventurança como sementes para fazê-las florescer.

O Ressuscitado pede para fazer discípulos vivendo como discípulos. O discipulado em fraternidade é a construção da Igreja. Às vezes nos esforçamos para construir a Igreja a fim de fazer discípulos. Seguidores do Mestre que buscam tornar-se humanos à imagem da humanidade de Deus, vivida e narrada em Jesus. “*Você é o sal, a luz*”. Sal e luz que se perdem por darem valor ao que encontram. Movimento de encarnação: Ao se dar a si mesmo, você melhora as coisas dando sabor e iluminando.

Sua vida consagrada... um rebento que se abre, uma semente que se rompe, uma nuvem que derrama seu conteúdo. Sem esquecer que nuvens e pássaros nunca falam de si mesmos, mas do que eles viram de onde vieram. As nuvens não sabem desenhar-se sem transfigurar-se, e os pássaros não sabem como falar sem cantar. Sua vida não vende pão; é fermento, sal que se dissolve e dá sabor. Será para os outros graça, evangelho, boa nova. Muitas vezes, nossa vida é o único evangelho que é realmente lido pelas pessoas ao nosso redor.

A vida nunca se perde quando se ama. O amor é a energia mais poderosa. O rosto de um amante transmite alegria, a alegria do amor, como a de uma mãe olhando para seu filho recém-nascido. Com a energia do amor, centramos a ascese em moldar em nós os sentimentos de Jesus, sua sensibilidade, seu coração. Sensibilidade implica em energia, impulso, simpatia, sintonia, gosto. Ela expressa atenção, atração, afeto. Sem sensibilidade apaixonada não há santidade. Santidade não significa paixão silenciosa (eunucos); significa paixão. A missão é a paixão por Jesus e seu povo. Não há futuro para a Vida Consagrada sem paixão no amor a Jesus e ao Reino. A missão é sair de si mesmo, apaixonado por Jesus, com o coração ardente.